



## Como é que chama o nome disso? Comunicação, Educação e Televisão: Uma aposta no hibridismo das televisões universitárias<sup>1</sup>

João Barreto da Fonseca<sup>2</sup>

Vanessa Maia Barbosa de Paiva Rangel<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar o estatuto das tevês universitárias e de discutir a idéia dessa televisão como uma televisão de fronteira, no sentido como o entende Homi Bhabha. Sendo e atuando na fronteira a TV Universitária não é nem uma TV comercial, onde os imperativos mercadológicos ditam a produção, nem um ambiente de sala de aula, onde a didática, dentre outras práticas, regem a relação de conhecimento. Trata-se, portanto, de um ambiente de fronteira que se constitui a partir do hibridismo, com mímicas, como táticas, e traduções, possibilitando que o “novo entre no mundo”.

**Palavras-chave:** Tevês Universitárias; Hibridismo; Comunicação e Educação

Sempre nos deparamos no decorrer de nossas pesquisas sobre televisões universitárias com uma certa exigência de se definir o que realmente “é” este tipo de tevê. Pesquisar e trabalhar em uma tevê universitária é sempre se deparar com a questão das interfaces das áreas, Comunicação? Ou educação? O que esta tevê é, de fato, e o que ela produz? Como se anuncia? Como se define? Sob quais parâmetros se dá sua produção de sentido?

Percorrendo a literatura sobre esse assunto chegamos, primeiramente, a algumas conclusões. Primeiro, a ausência de definição do que é ou do que poder vir a ser uma tevê universitária não é o problema desta tevê, muito pelo contrário, é sua potência. Segundo, não só não assumimos uma denominação específica para este tipo de televisão como defendemos que esta deve se pautar pelo hibridismo, pela superposição de saberes e fazeres das disciplinas de comunicação e educação porque, aí sim, estará a sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor do Centro Universitário de Vila Velha.

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela UFES, professora da FAESA/ES, coordenadora da tevê FAESA.



potência. Entendemos então, uma televisão universitária como uma televisão de fronteira, uma televisão híbrida, como Homi Bhabha (2003) entende este conceito.

Televisão de fronteira é, inclusive, o conceito que gostaríamos de apresentar aqui com base em um pensamento de Heidegger que enfatizou o caráter potente da fronteira, definindo que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (apud Bhabha, 1998:19).

Portanto, se tomarmos a premissa heideggeriana de que a fronteira é potente e que, a partir dali algo, de fato, pode começar a se fazer presente, não necessitaremos de ficar nomeando ou identificando o que é ou o que pode ser uma tevê universitária, na medida em que esta sobrepõe conhecimentos acadêmicos de sala de aula, conhecimentos de linguagens e estéticas audiovisuais e, ainda, possibilidades de fazer coletivamente, uma vez que a própria contingência do veículo assim exige. Portanto, pensar o dispositivo da televisão universitária como um potente dispositivo de produção de conhecimento movimenta-nos para uma virada no olhar, de maneira que somos convidados a, como diria Larrosa (2007:39), “ pensar de outro modo, a falar de outro modo e a ensinar de outro modo”.

Mas o que seria esse lugar de fronteira? Como ele se configura? De que maneira se faz potente? O lugar de fronteira, ao qual nos referimos, não é o lugar onde as coisas terminam, se encerram ou se destinam a uma condição de impossibilidade de acontecer. É o contrário, como bem se expressou Heidegger. O lugar de fronteira é o lugar onde algo começa por se apresentar, por se fazer presente. Citando um texto poético, Heidegger (2002:37) nos explica que a fronteira, lá, “onde mora o perigo, também que cresce, o que salva”.

Pensamos, portanto, que não deveríamos considerar o lugar de fronteira como algo ameaçador, mas como possibilidade de expansão da vida, de outras produções, de outras descobertas. Somente quando enfrentamos situações fronteiriças ou quando estamos em nossos limites, é que descobrimos o quanto podemos nos transformar em outros que talvez nem conhecêssemos se não tivéssemos chegado ali.

Homi Bhabha (2003) em seus estudos sobre locais de cultura, afirma que o fundamental a ser considerado no lugar de fronteira, é a tarefa de se passar para além das configurações originárias e essenciais. Somente desse modo, segundo este autor, conseguiremos empreender um percurso de atitude e de olhar para aqueles lugares e saberes que são produzidos na articulação de ambiências diferenciadas. A esse lugar



imaginado, temido, desconhecido ou conhecido por contingências limites, Bhabha chamou de “entre-lugar”.

Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação (BHABHA, 2003:20).

Somente na emergência dos interstícios, segundo esse autor, é que o interesse comum e os valores podem ser negociados. No “entre-lugar” a potência se exerce e evita que se pense dicotomicamente ou uma coisa ou outra, além de abrir “a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 2003:22)

Experimentamos, então, com os autores que nos levaram para caminhar pela região de fronteira a idéia de que uma televisão universitária é um ambiente de fronteira. Ela é um híbrido, que não é nem sala de aula, embora muitos conteúdos, assuntos e aulas sejam ali compartilhados, e nem uma televisão comercial porque não está sujeita aos imperativos de uma audiência, que traz anunciantes e, portanto determina uma grade de programação.

Essas forças que poderiam ser encaradas à uma primeira vista como forças antagônicas – modelo de TV comercial *versus* ambiente de sala de aula – são, na nossa concepção complementares pois, para Bhabha, é um sinal de maturidade política de nossa parte entendermos que as duas instâncias são fontes de discursos e que, nessa medida, produzem muito mais o que falam do que refletem.

Talvez deveríamos ter medo de produzir conhecimento e trabalhar em um ambiente que não tem bordas de identidade marcadas pela definição. Talvez fosse mais tranquilo saber o que é e o que deve ser uma TV universitária. Isso facilitaria e muito a questão de seus pressupostos, limites e possibilidades. Se assim compreendêssemos uma tevê de caráter universitário estaríamos mais seguros do que deveríamos fazer ali e de como proceder para empreender esse fazer. Mas enquanto somássemos os ganhos dessa certeza, o que perderíamos? O que deixaríamos de produzir? O que deixaríamos escapar? O que ficaria pelo caminho?

Novamente é Bhabha que nos esclarece, afirmando que o que faz e dá sentido “é sempre marcado pela ambivalência do próprio processo de emergência, pela produtividade dos sentidos que constrói contra-saberes, no ato mesmo do agonismo, no



interior dos termos de uma negociação (em vez de uma negação) de elementos opositoristas e antagonísticos” (2003, p. 48).

Agonístico, agonia, desassossego. É assim mesmo que nos sentimos pesquisando esta televisão. O que fazer a partir disso? Como lidar com os domínios do lugar do próprio, como diria Certeau (1994), o lugar do poder? Como administrar as frustrações entre querer fazer e poder fazer. Como retirar da impossibilidade de uma negação uma experiência de conhecimento?

“Um saber só pode se tornar político através de um processo agonístico: dissenso, alteridade e outridade são as condições discursivas para a circulação e o reconhecimento de um sujeito politizado” (2003, p. 49) é o que Bhabha nos aconselha. É a negociação entre essas forças e esses discursos que abre a potência para um espaço de tradução e configura o lugar híbrido.

A falta de uma essencialidade, de uma definição, forja perspectivas de impasse, mas também abre possibilidades de criação do novo. Diariamente, professores e alunos que produzem tevês universitárias se inquietam na região da fronteira. O que somos nós? Produtores de televisão ou alunos? O que deveríamos fazer? Qual seria a nossa diretriz? Reprodução de tevês comerciais ou ambiente de conhecimento?

As inquietações acerca de uma definição para as tevês universitárias tem, inclusive, produzido questionamentos nos mais variados autores que estudam a temática. Reproduzimos aqui dilema experimentado pelo professor coordenador da TV PUC de São Paulo:

Veja ou outra os próprios editores da PUC-TV se pagam em dúvida se devemos ou não cobrir determinada pauta factual – a chacina na periferia, o soldado que matou a mulher e os filhos... Como modular na cobertura política, como abrir espaço no noticiário para o comunitário, mas isso vale à pena – se as comunidades não têm acesso ao cabo? Pergunta que boa parte de nós se faz todos os dias. (SALOMÃO, 2008)

Mas essas não são as únicas questões com as quais Mozahir Salomão<sup>4</sup> se debate na zona da fronteira. Dentre suas muitas inquietações estão: É possível fazer jornalismo factual nas TVs universitárias? De que maneira é possível? Quais seriam as práticas

---

<sup>4</sup> TV Universitária: Nem tudo pode, mas é possível ousar. Artigo publicado em [www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da041220022p.htm](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da041220022p.htm). Acesso em 28/02/2008



diferenciadas que deveriam pautar esse fazer? E, por fim, como evitar que o produto – programas – não prevaleça sobre o processo?

A negação de modelos – pensar a *tevé* universitária a partir do binômio *tevé* comercial versus sala de aula - não seria uma boa solução, segundo nos aconselha Homi Bhabha. Produtivo, inovador e potente seria, para esse autor, apostar no lugar do hibridismo, entendido aqui pelo autor como “*a construção de um objeto que não é nem um nem outro*”<sup>5</sup> (2003, p: 51) e, ainda, na noção de negociação, que ocuparia o lugar da negação de uma ou outra posição estanque.

A negociação, na avaliação de Bhabha, propiciaria que articulássemos “elementos contraditórios e antagônicos, situados além da forma prescritiva da leitura sintomática (...). A negociação de instâncias contraditórias e antagônicas abre lugares e objetivos híbridos de lutas e destroem polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e a razão prático-política” (BHABHA, 2003, p. 51).

O valor, a contribuição da negociação, para esse autor, traz à tona o *entre-lugar*, entendido por algumas vezes, pelo autor como um “terceiro espaço” e é na exploração desse “terceiro espaço” teremos a possibilidade de evitar a polaridade uma coisa versus a outra, e “emergir como outros de nós mesmos” (BHABHA, 2003, p. 69).

Diante do que nos fala Bhabha, o fato de uma *tevé* universitária não ter uma identidade fixa, nem uma possibilidade de identificação, deixa de se constituir para nós como um problema. Isso porque, para esse autor, não é possível existir essencialismos em nenhuma identidade. Para ele, a fixidez de uma identidade não é possível porque toda a identidade é forjada a partir de uma narrativa dentro de alguma situação encontrada em determinado momento.

A diferença seria então articulada a partir de um hibridismo, mas o hibridismo tal como o entende Bhabha não seria a mistura, não seria a mescla, mas seria a superposição das coisas. Um ser, uma narrativa, uma coisa, uma televisão que se pautasse pela força do híbrido, seria aquilo que se articularia em torno de um “*e*”.

Uma televisão universitária *e* uma sala de aula *e* uma televisão comercial. O híbrido seria então, como o define o autor “menos do que um e um duplo” (Bhabha, 2003, p:145). Menor do que um porque não seria algo dotado de uma identidade essencial, una, indivisível e impermeável, uma vez que esse autor não trabalha com essa tipologia de configuração identitária, a do uno. Um duplo porque teria a dupla

---

<sup>5</sup> Grifo nosso



inscrição tal como ele cita os povos colonizados que detém a inscrição de sua cultura e a da cultura do colonizador.

Entendemos, então, a idéia de que uma televisão universitária só pode se constituir como um lugar de potência a partir de uma aposta no híbrido, em uma região de fronteiras, na superposição de entes, na dupla inscrição possível entre o ambiente de sala de aula e uma televisão comercial. Mas estamos cientes de que essa proposta/aposta teórica pode suscitar muitas críticas. Sobretudo daqueles que se preocupam com definições, lugares estáveis, imóveis, detentores de configurações eternas e bem balizadas.

Uma concepção delineadora de espaços talvez nos aconselhasse ser mais seguro trabalhar assim, com posições estanques, bem definidas. Isso, sem dúvida, é menos embaraçoso. E por que não dizer, mais fácil. Afinal, trabalhar na região de fronteira é ameaçador, como já nos disse Heidegger. Mas é também ali, como complementou o filósofo alemão, que cresce o que salva.

Importante notarmos que – embora o texto de Homi Bhabha tenha se detido sobre os discursos pós-colonialistas – o imperativo da classificação está implicado em todas as maneiras que diversas culturas que se acreditam mais dotadas ou superiores têm de interagir com o que está sob seu domínio. Em uma universidade não são poucos os discursos que querem dar às tevês universitárias um lugar certo, destinado e restrito. Falas como “essa tevê é da universidade!”, “que nada, essa tevê presta mesmo para ser instrumento da reitoria!”, “Não, a tevê deve ser do curso de comunicação!”, “Falta espaço para a pesquisa acadêmica que se desenvolve na universidade! Aí sim, teríamos uma tevê de respeito!”, “Mas essa tevê é o quê, afinal?”

Essas falas, soltas, entrecortadas e entreouvidas em diversas reuniões dos canais universitários, nas reuniões dos colegiados de curso e, também presentes em diversos textos que falam de tevê universitária são, antes de reclamações, chistes e provocações, tentativas de enquadrar a tevê em uma categoria fixa de pensar e agir dentro de sua grade de programação.

A preferência desses que desvelam estas falas é, de fato, que a tevê fique bem dentro da grade. Presa a um destino, presa a uma intenção, presa a um saber e a uma classificação. Não é à toa que os professores que estão à frente das tevês universitárias são constantemente inquiridos a falarem sobre o que essas tevês fazem, como fazem e por que fazem. Aliás, a exigência da confissão não é algo novo no domínio de nossos



conhecimentos. A vigilância exige a confissão e a necessidade de se compreender e de se enquadrar o que se está conhecendo, sejam nativos, povos, culturas ou televisões. Para dominar é preciso que se conheça através de uma extração das falas.

A prática da confissão, como já disseram, em outros termos, Bhabha (2003), Certeau (1994) e Foucault (2001), tem a intenção de dominar um indivíduo, uma situação, uma contingência calculável, postulando uma suposta verdade que o sujeito, o ambiente, a situação, possui mas que ainda não sabe. Utilizo um texto de Bhabha, sobre a questão colonial, para deslocá-lo para a questão confessional pela qual passam os que querem “controlar” as TVs universitárias. Os assuntos mudam, mas as motivações e questões, permanecem:

A questão não é mais o ‘*conte tudo exatamente como se passou*’ de Derrida. Do ponto de vista do colonizador, apaixonado pela posse limitada, despovoada, o problema da verdade se transforma na difícil questão política e psíquica de limite de território: *Digam-nos porque vocês, os nativos, estão aí.* (BHABHA, 2003, p. 147)

Televisões universitárias situadas na ordem do incalculável, do não enquadável, do não generalizável criam um problema para aqueles que acreditam que as dominam. Sejam mantenedoras de universidades particulares, sejam reitorias de universidades públicas. E enquanto procuram fazê-las falar, a televisão universitária desliza, na arena dos discursos.

No embate entre o discurso classificatório do que deve ser uma televisão universitária, empreendido por seus financiadores e detentores e a própria atitude daqueles que atuam nessa televisão de deslizarem constantemente das classificações, surge então a artimanha da mímica.

A mímica é a ironia contra a dominação. A mímica não é a mimese, a adequação, a repetição. A mímica é o arremedo, a ironia. “O que vale dizer que o discurso da mímica é construído em torno de uma *ambivalência* ; para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento , seu excesso, sua diferença” (BHABHA, 2003, p. 130).

A artimanha da mímica, para Homi Bhabha, é a dupla articulação, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do outro ao visualizar o poder. A mímica para esse autor é uma ameaça para aqueles que querem controlar as práticas e os espaços porque, “ao mesmo tempo em que intensifica a



vigilância se coloca como um desafio para os saberes “normalizados” e para os “poderes disciplinados”(BHABHA, 2003, p. 130).

O efeito da mímica sobre aquele que quer controlar é perturbador, pois os que se apropriam dessa tática se apresentam como “quase os mesmos, mas não exatamente”. A mímica ganha, então, o caráter simultâneo de semelhança e ameaça.<sup>6</sup> Mas o que estamos entendendo como mímica? Veja o que nos explica o autor:

O que denomino mímica não é o exercício familiar de relações através de identificação. A mímica não esconde presença ou identidade atrás de sua máscara. A ameaça da mímica é sua visão dupla que, ao revelar a ambivalência do discurso colonial, também desestabiliza a autoridade. (...) a mímica libera elementos marginais e abala a unidade do ser do homem. A mímica desestabiliza, (ela é) quase o mesmo, mas não exatamente” (BHABHA, 2003: p.133/134).

As tevês universitárias deslizam em suas práticas, saberes e fazeres através de mímicas. Essa seria sua tática, na forma como a entende Certeau (1994), como forma de resistência ao lugar do próprio – o lugar de poder – e às estratégias desse lugar, como formas de poder de controlar o lugar. Para questão de sua própria sobrevivência é preciso que essas tevês empreendam suas táticas de mímicas, façam-se parecidas, mas não exatamente.

Isso porque o olhar classificatório, aquele que quer manter as coisas dentro de um limite de controle trabalha com a idéia fixa: “Déspota, pagão, bárbaro, caos, violência” (Bhaba 2003, p.149) e nas tevês universitárias: “submissas, obedientes, reprodutoras, subservientes, sem identidade”.

O discurso da universidade sobre suas tevês opera no mesmo modo do discurso colonialista. Deseja que estas se comportem tais como seus princípios, valores, relevâncias, referências. Atribuem a estes veículos provincianismo, inaptidão, amadorismo, ineficiência. Vejamos como se processa o discurso do “colonizador-universidade” nas palavras do professor Gabriel Priolli, ex-coordenador da Associação Brasileiras de TVs Universitárias e diretor do Canal Universitário de São Paulo:

---

<sup>6</sup> Ainda discorrendo sobre sua noção de mímica, Homi Bhabha diz que” a genealogia do mímico pode ser traçada através das obras de Kipling, Forster, Orwell, Naipaul, até sua emergência mais recente na excelente obra de Benedict Anderson sobre o nacionalismo na figura do anômalo Bipin Chandra Pal. Ele é o resultado de uma mimese colonial defeituosa, na qual ser anglicizado é enfaticamente não ser inglês. Em outro estudo, o de Macaulay (1835), Homi Bhabha descreve os que se utilizam do estatuto da mímica são ‘uma classe de pessoas que são indianas em sangue e cor, mas inglesas em gosto, opiniões, moral e intelecto’ ” (2003, p. 132)



Chega a ser cômica a contradição que se estabelece, quando o forte criticismo da universidade para qualquer tema da televisão defronta-se com a sua insegurança de apropriar-se, ela mesma, dessa tecnologia que adora demonizar. Os estudos apontando o poder tentacular de uma Rede Globo, por exemplo, com seu suposto papel nocivo à democracia e à cultura do país poderiam formar uma pilha equivalente à antena da emissora, na Avenida Paulista. *No entanto, sempre que a TV Universitária demonstra alguma insuficiência, é com a Globo que o meio acadêmico a compara, para desqualificá-la. Da mesma forma, é comum professores desdenharem das entrevistas que concedem a canais universitários, mas não se vê a mesma indiferença quando quem os convida para falar é o “Jornal Nacional”. O grande satã das ondas hertzianas converte-se em guru da boa produção televisiva diante dos canais universitários, sempre vistos como coisa menor.*<sup>7</sup> aos quais não tocarão jamais as bênçãos do Ibope. (PRIOLLI, 2007).<sup>8</sup>

A mímica então torna-se a tática de sobrevivência dessas tevês. Recorrer à ela é preciso. Sair das classificações, do que se espera, do lugar considerado como menor, como desqualificado, como “selvagem”. A universidade, para Priolli, tem dificuldades de entender a televisão. Sobretudo quando da sua influência sobre a cultura, a política, os costumes e porque não dizer, a educação.

A universidade tende, segundo este autor, a superdimensionar o papel desse meio, atribuindo a ele classificações não menos generosas que os colonizadores estudados por Bhabha atribuíam aos povos colonizados: “Máquinas de fazer doidos”; “Máquinas de chupar cérebros”<sup>9</sup>.

Mas a classificação daqueles que falam do interior das universidades, à procura de uma lógica classificatória não resiste diante da ambigüidade proporcionada pela mímica que estas tevês adotam. Vejamos novamente o que nos fala Priolli:

E como não conseguem apreendê-la (a tv universitária) na inteireza de suas ambigüidades, poderes e limitações, hesita diante dela, quando ela se oferece ao uso. Abriga-se em uma lógica comparativa (como fazer TV tão bem como a Globo?), que, além de descabida, é reducionista

---

<sup>7</sup> Grifo nosso

<sup>8</sup> TV Universitária: uma televisão sem complexo. Por Gabriel Priolli in [www.direitoainformacao.org.br](http://www.direitoainformacao.org.br). Acessado em 27/02/2008.

<sup>9</sup> TV Universitária: uma televisão sem complexo. Por Gabriel Priolli in [www.direitoainformacao.org.br](http://www.direitoainformacao.org.br). Acessado em 27/02/2008.



imobilista. O resultado é o descaso com os canais universitários que estão à sua disposição, transmitindo diariamente em mais de 50 centros urbanos grandes ou médios do país, para muitos milhares de brasileiros do outro lado da tela. (PRIOLLI, 2007)

Mas, embora carregando todas as críticas e indecidibilidades acerca de seu caráter e função, as tv's universitárias sobrevivem e seguem quase como que cantando a música de Caetano Veloso e Chico Buarque:

### **Vai Levando**

Mesmo com toda a fama  
Com toda a brahma  
Com toda a cama  
Com toda a lama  
A gente vai levando  
A gente vai levando  
A gente vai levando  
A gente vai levando  
Essa chama

Mesmo com todo o emblema  
Todo o problema  
Todo o sistema  
Toda Ipanema  
A gente vai levando  
A gente vai levando  
A gente vai levando  
A gente vai levando  
Essa gema

Mesmo com o nada feito  
Com a sala escura  
Com um nó no peito  
Com a cara dura  
Não tem mais jeito  
A gente não tem cura

Mesmo com o todavia  
Com todo dia  
Com todo ia  
Todo não ia  
A gente vai levando  
A gente vai levando  
A gente vai levando



A gente vai levando  
Essa guia<sup>10</sup>

Mesmo com o todavia, com a sala escura, com um nó no peito, com a cara dura essas televisões seguem em suas produções e em seu cotidiano de produzir conhecimento junto aos seus alunos. E mais: segundo Priolli (2007), elas também são assistidas por muita gente. Gente que, segundo este autor, está cansada da mesmice dos canais tradicionais da tevê aberta, gente interessada em ver outros temas, dos quais sequer ouviu falar, gente interessada em uma informação boa e porque não? Muitas vezes divertida.

Até a Imprensa, que advoga para si um lugar de instância de saber, de produção de verdades e até mesmo, muitas vezes o lugar de tribunal midiático, com ofício moralizador sobre a sociedade, busca nas tevês universitárias sugestões de pautas, pesquisadores com resultados de seus estudos, imagens diferenciadas, perspectivas de abordagem inusitadas.

A questão é que, embora a universidade tenha a coerente noção de que é uma instituição múltipla, que detém em sua constituição um mundo de singularidades, essa premissa não vale quando precisa ou deveria ser aplicada às tevês universitárias. Sempre se busca para estas a identidade fixa, o caráter sério, a abordagem chata e sempre, leva-se à ela um olhar que oscila entre a inquisição, a censura e a classificação.

No final, deparamo-nos com uma pergunta inevitável que dá título a este artigo. Mas...como é que chama o nome disso? Tevê universitária, fronteira, híbrida, herdeira da rebeldia da comunicação e da educação.

---

<sup>10</sup> Música: Vai Levando de Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda.



## Referências bibliográficas

BHABHA, Homi. K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DE CARLI, Ana Mery & TRENTIN, Ary Nicodemos (orgs.). **A TV da Universidade**. Caxias do Sul: UCS, 1998.

FILÉ, Valter. **O tamanho do mundo**. In: FILÉ, Valter (org.). Bataques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. **Linguagem audiovisual: uma quase nova tecnologia entrando na quase velha instituição escolar sem pedir licença**. In: LEITE, Márcia & FILÉ, Valter (orgs.). Subjetividades, tecnologias e escolas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2; o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FRANÇA, Vera. **Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação**. In: GUIMARÃES, César & França, Vera (orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **A TV, a janela e a rua**. In: FRANÇA, Vera (org.). Narrativas televisivas: programas populares na TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

PRIOLLI, Gabriel. **TV Universitária: uma televisão sem complexo**. Artigo publicado em [www.direitoainformacao.org.br](http://www.direitoainformacao.org.br). Acessado em 27/02/2008.

SALOMÃO, Mozahir. **TV Universitária: Nem tudo pode, mas é possível ousar**. Artigo publicado em [www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da041220022p.htm](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da041220022p.htm). Acesso em 28/02/2008.